

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

Kamila Vytória Santos e Silva ¹
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz ²

RESUMO:

O presente artigo tem o objetivo de analisar a escrita histórica da cidade de Teresina desenvolvida por Monsenhor Chaves na ocasião da passagem do centenário da mesma, celebrado no ano de 1952. Como fontes basilares para essa escrita, recorre-se a obra *Teresina: subsídios para a História do Piauí*, de Monsenhor Chaves (1952), além de matérias jornalísticas recolhidas de periódicos como *O Dia*, e *O Piauí*; e de textos literários produzidos na época em evidência por nomes como João Ferry (1952), Hindemburgo Dobal Teixeira (1992) e Arimathéa Tito Filho (1990). É sugerido também estabelecer interlocuções com outros estudos sobre essa conjuntura, a saber: Iara Moura (2015), Francisco Nascimento (2021) e Maurício dos Santos (2014).

Palavras-chave: Centenário de Teresina; Monsenhor Chaves; Escrita histórica.

**WITH “THE EYES OF A LOVING AND GRATEFUL SON”:
MONSENHOR CHAVES AND THE HISTORICAL WRITING OF TERESINA IN
THE CELEBRATION OF ITS CENTENNIAL**

ABSTRACT:

This article aims to analyze the historical writing of the city of Teresina developed by Monsenhor Chaves on the occasion of its centennial celebration, held in 1952. The main source for this analysis is Monsenhor Chaves *Teresina: Subsidies for the History of Piauí* (1952), along with newspaper articles collected from periodicals such as *O Dia* and *O Piauí*, as well as literary texts from the period by authors such as João Ferry (1952), Hindemburgo Dobal Teixeira (1992) and Arimathéa Tito Filho (1990). The study also proposes establishing dialogues with other works that address this historical context, namely those by Iara Moura (2015), Francisco Nascimento (2021) and Maurício dos Santos (2014).

Keywords: Teresina centennial; Monsenhor Chaves; Historical writing.

**CON “LA OJOS DE UN HIJO AMOROSO Y AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES Y LA ESCRITURA HISTÓRICA DE TERESINA EN LA
CELEBRACIÓN DE SU CENTENARIO**

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo analizar la escritura histórica de la ciudad de Teresina desarrollada por Monsenhor Chaves con motivo de la celebración de su centenario, celebrada en 1952. La fuente principal para este análisis es Monsenhor Chaves *Teresina: Subsidios para la Historia de Piauí* (1952), junto con artículos periodísticos recopilados de periódicos como *O Dia* y *O Piauí*, así como textos literarios de la

¹ Mestranda - UFPI - kamilavasantos19@ufpi.edu.br

² Professora Associada da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portella, onde atua junto ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (Mestrado e Doutorado). Desenvolve pesquisas sobre História e Literatura, História e Imprensa, História Política, História e Sociabilidades e Historiografia Piauiense. - teresinhaqueiroz@bol.com.br.

COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”: MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO

época de autores como João Ferry (1952), Hindemburgo Dobal Teixeira (1992) y Arimathéa Tito Filho (1990). El estudio también propone establecer diálogos con otras obras que abordan este contexto histórico, como las de Iara Moura (2015), Francisco Nascimento (2021) y Maurício dos Santos (2014).

Palabras clave: Centenario de Teresina; Monseñor Chaves; Escritura histórica.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a escrita histórica de Teresina desenvolvida por Monsenhor Chaves na ocasião da passagem do centenário da cidade, celebrado em 1952. De modo específico, no primeiro momento, é contextualizado o cenário que envolvia Teresina no despontar da década de 1950, com vistas para uma cidade visível e real; em sequência, nos detemos sobre as iniciativas de organização da cidade para a comemoração do seu centenário; por fim, a pesquisa se debruça sobre o processo de produção e publicação do livro *Teresina: subsídios para a história do Piauí* (Chaves, 1952), apontando as principais particularidades e nuances da sua narrativa. Para a construção desse texto, além da obra supracitada, recorre-se ao uso de matérias jornalísticas recolhidas de periódicos como *O Dia* e *O Piauí*; e de textos literários produzidos na época em evidência por nomes como João Ferry (1952), Hindemburgo Dobal Teixeira (1992) e Arimathéa Tito Filho (1990). É sugerido também tecer interlocuções com outros estudos sobre essa conjuntura, a saber: Iara Moura (2015), Francisco Nascimento (2021) e Maurício dos Santos (2014).

“A cidade completa cem anos... A vida é calma”³: A cidade de Teresina às vésperas do seu Centenário

Nos primeiros anos da década de 1950, em Teresina, jornais e revistas assinalavam a realidade urbana que circundava a capital piauiense, testemunhando problemáticas ligadas à sua dimensão social, econômica, política e cultural. Nesse quadro, a preocupação em torno das deficiências apresentadas por Teresina acentuava-se em virtude da proximidade das comemorações do aniversário de cem anos da capital, que seria celebrado em agosto de 1952, sinalizando o centenário da cidade que nasceu às margens do Parnaíba em 1852.

No texto intitulado “Teresina, seus problemas e o seu crescimento”, publicado no jornal *O Dia* em 1951 (Franco, 1951), o vereador José Patrício Franco ponderava acerca do

³ Expressão encontrada nos versos do **Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina**, escrito por H. Dobal, para descrever Teresina em 1952 (Teixeira, 1992).

crescimento demográfico ocorrido no Piauí durante a última década, que, segundo ele, se manifestou de modo acelerado. No início dos anos 1940, a população da cidade de Teresina, considerando as zonas urbana e suburbana – sem contar a região rural do município –, era de 34.695 habitantes, enquanto uma década depois, no início dos anos 1950, a população teresinense chegou a aproximadamente 53.100 habitantes, evidenciando um aumento demográfico de cerca de 53%. Os dados trazidos pelo vereador são significativos na medida em que reconhecemos tal crescimento – às vésperas das festividades em foco – como um agravante dos entraves sociais e econômicos sentidos pela cidade, reverberando a urgência da necessidade de planejamento de ações por parte dos gestores públicos visando o desenvolvimento ordenado de Teresina.

Dentre tantas dificuldades comunicadas na imprensa piauiense do período, o *Jornal do Comércio*, em março de 1952, por meio do artigo “Pobre Teresina”, denuncia a ausência de um aeroporto com pista pavimentada e de uma ligação rodoviária entre Teresina e Parnaíba – a segunda cidade mais importante do Estado –, inviabilizando a ligação entre a nossa capital e o restante do Piauí e do Brasil. Ademais, segundo o texto, buracos, lama, poeira e lixo compunham a estética descuidada da cidade que, nesse mesmo ano, completaria cem anos de existência. Nas páginas do jornal, lê-se:

Cidade esburacada; cheia de lama no inverno e também na seca; poeira, lixo e até carniça e mictórios nas ruas urbanas; os meio-fios quer onde já passa o calçamento e onde o mesmo não passa, muito descuidados e cheios de mato e lama podre; mercados imundos, e nos bares e botequins... nem é bom falar.[...]. E a vergonha será somente para nós apresentarmos Teresina, no seu primeiro Centenário, nas condições em que se acha. [...]. Se um turista que nos chegue pelo Centenário visitar o Cemitério, os Mercados, o Matadouro e a Praça Deodoro, é certo que dirá ter pisado a terra mais imunda e abandonada do mundo. Sairá cuspiendo de nojo. (Jornal do Comércio, 1952).

Segundo Maurício Feitosa dos Santos (2017), uma outra adversidade que assolou Teresina no início dos anos 1950, sobremaneira entre 1951 e 1953, foi a grande seca que atingiu a região Nordeste, complicando as condições sociais de existência da população, especialmente, do interior do Estado do Piauí, que migrava para a capital em busca de assistência e inquietava as autoridades locais, preocupadas com o embelezamento da cidade para a passagem dos seus primeiros cem anos. Assim, na imprensa local, era comum encontrar referências aos “sertanejos que ocupavam as ruas de Teresina em busca de auxílios em decorrência da calamidade desencadeada pela ausência de chuvas” (Santos, 2017, p.159). Nascimento (2021), por sua vez, evidencia aspectos como a defasagem do serviço de defesa sanitária no município, o abandono

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

de espaços públicos – como mercados e praças –, o aumento no preço dos alimentos básicos e outros traços que abalavam a sociedade teresinense do período e eram noticiadas por meio de articulistas e cronistas nos jornais da época.

Ainda no início do ano do Centenário, o jornal *O Dia* relatava outro infortúnio social que se refletia nas ruas de Teresina e incomodava a fisionomia da cidade: a presença de cegos, aleijados e crianças desnutridas implorando por caridade pública. O periódico assinala:

Se há problema social que deva ser encarado com mais seriedade pelos poderes públicos, o da mendicância, em Teresina, é um deles, pois está transformando rapidamente a fisionomia risonha de nossa progressista cidade num vasto abrigo de inválidos, onde cegos, aleijados, crianças desnutridas e mulheres em trapos percorrem diariamente as nossas ruas, implorando a caridade pública. (A mendicância, 1952).

A questão da mendicância é colocada como um problema central a ser enfrentado pelas autoridades públicas do Estado, considerando que dela se originam outros entraves, como a prostituição. Além disso, afirma-se, no texto destacado, que a mendicância se constitui como pano de fundo para a realidade da pobreza que atormentava a cidade de Teresina, clarificando o contraste e a desigualdade entre os grupos sociais da capital centenária. O artigo se encerra com um pedido de cooperação, compreensão e solidariedade dos cidadãos teresinenses no combate a esse infortúnio que tanto afligia a cidade, tendo em vista que “em qualquer lugar público de Teresina, seja de dia ou às horas caladas da noite, há sempre um mendigo à nossa espera, às vezes em pranto, de lágrimas aos olhos, de mão estendida implorando *uma esmola pelo amô de Deus...*” (A mendicância, 1952).

Também nas narrativas literárias era comum encontrar caracterizações sobre Teresina, trazendo em suas linhas o espectro do atraso e o desejo de transformar a capital do Piauí em um centro cultural moderno e ativo. Arimathéa Tito Filho, em 1990, ao rememorar a cidade de Teresina dos anos anteriores ao seu relato, testemunha as condições precárias do tecido urbano da década de 1950, que seria modernizado, segundo ele, somente nas décadas posteriores. Em suas palavras:

[...] Ainda em 1952, época do primeiro centenário da cidade, Teresina padecia tristíssimas condições de conforto, em todos os sentidos. Péssimo calçamento das ruas, ausência de higiene, falta de escolas, mendicância generalizada. Chegaria, [com o passar do tempo] porém, o chamado progresso físico, o asfalto, os aviões a jato, o comércio de prestações, os restaurantes sofisticados, o carro financiado, a casa do BNH, a televisão, o jornal moderno, a civilização da lancheira, o supermercado onde as matronas compram frango depenado. (Tito Filho, 1990, p.9).

À vista disso, são diversas as críticas à realidade de Teresina veiculadas por periódicos locais, colocando em pauta a qualidade da administração pública no que concerne à estrutura da cidade e à sua formação política, social, cultural e econômica. Portanto, essa cidade real, registrada em artigos jornalísticos, crônicas e narrativas literárias, à época da ocasião do seu aniversário de cem anos, indicava tensões e desafios que deveriam ser superados por não se aproximarem dos símbolos de modernidade esperados de uma capital centenária.

“Teresina precisa de você”⁴: As iniciativas em torno da comemoração do Centenário de Teresina.

Em virtude da passagem do aniversário de cem anos de Teresina, o Estado do Piauí, no início da década de 1950, em clima de comemoração, instituiu uma Comissão Organizadora do Centenário³, com um total de quarenta membros divididos em diversas categorias que deveriam tratar de assuntos relacionados à política, cultura, religião, esportes e imprensa em torno das solenidades festivas. Após reunião da Comissão para discussão e deliberação de medidas a serem adotadas na celebração do centenário, o jornal *O Piauí*, em 10 de fevereiro de 1952, publicou uma matéria com o título “Centenário de Teresina”, na qual informava a escassez de recursos para custear as festividades e, visando solucionar o problema, sugeria “o estabelecimento de uma contribuição mensal, cujo valor seria determinado pelo próprio contribuinte. Quem deveria contribuir: os funcionários públicos, comerciantes, comerciários, professores, entre outros” (Centenário, 1952, p.4).

Além disso, outra medida proposta a partir da mesma reunião foi a criação de comandos sanitários “destinados a trabalhar pela melhoria das condições sanitárias da cidade em todos os sentidos, especialmente no que diz respeito à higienização de bares, restaurantes, hotéis, pensões e estabelecimentos congêneres” (Centenário, 1952, p.4). Por conseguinte, a fim de sensibilizar o povo teresinense para a colaboração financeira, com o desejo de realizar reformas e construções de modernas edificações na cidade, a Comissão promoveu uma campanha ao

⁴ A expressão é encontrada no apelo feito pela Comissão Organizadora do Centenário aos habitantes de Teresina por meio do jornal *O Piauí* (Teresina, 1952).

³ A Comissão Organizadora do Centenário foi composta pelo presidente de honra - Getúlio Vargas (Presidente da República) e Pedro de Almendra Freitas (Governador do Estado); presidente - João Mendes Olímpio de Melo (Prefeito); vice-presidente - Artur Passos (Jornalista); primeiro-secretário - Raimundo Portela Basílio; segundo secretário - Juscelino de Souza Lima; tesoureiro - José Patrício Franco. Ao todo, essa comissão contava com a participação de quarenta membros, de diversas categorias políticas, culturais, religiosas, esportivas e jornalísticas, que se reuniam às quintas-feiras na Câmara Municipal de Teresina. In. MOURA, *Op. Cit.*, 2015.

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

público leitor da imprensa local, tendo em vista a demora da aprovação do auxílio vindo do Governo Federal para a ocasião. Através da matéria intitulada “Teresina precisa de você”, a Comissão, por meio das palavras do redator Helvécio Coelho, se dirigia aos teresinenses dizendo:

[...] a nossa história está escrita em cada rua, em cada casa. Elas atestam a marcha lenta do nosso progresso, constrangida – às vezes – pelas dificuldades ambientes superadas a golpe de força de vontade [...] Olhando com satisfação as construções que se alinham esteticamente pelas ruas e avenidas simétricas, vemos em cada casa a comprovação do carinho que todos sentem pela cidade e do desejo unânime de concorrer para o seu desenvolvimento. (Teresina, 1952).

23

Segundo exposto, a campanha buscava atrair a sensibilidade e solidariedade dos habitantes de Teresina, recorrendo ao sentimento de ligação desses com as ruas, casas e construções que modelavam a capital do Piauí, buscando solidificar o elo que unia o sujeito leitor à cidade centenária e defendendo que o desenvolvimento que a envolvia era resultado do carinho nutrido por seus moradores e do desejo comum de melhoria. A noção de vínculo entre o cidadão e a cidade é reforçada no parágrafo que finaliza o texto:

Bela a capital do Piauí! Nós que te queremos tanto, que somos teus vassalos, vamos cumprir por ti, a grata obrigação de homenageá-la condignamente, pela passagem do teu centenário – oportunidade única que se oferece a esta geração. E é por ti, para engalanar-te, que apelamos para os que aqui morejam, piauienses ou não, brasileiros ou estrangeiros, que vivem nesta comunhão fraterna de homens livres, solicitando-lhes seu concurso para uma causa justa e que deve aprazer a todos os nossos corações. E diremos a todos, parodiando o Tio Sam, TERESINA PRECISA DE VOCÊ! (Teresina, 1952).

Com essas palavras, em tom apelativo, Helvécio Coelho convida – e convoca – os habitantes de Teresina, independentemente da sua naturalidade, a aglutinarem-se no propósito de realizar uma homenagem digna aos cem anos da cidade, proclamando, para tanto, que Teresina precisa da ajuda daqueles que nela fincaram vida e moradia. Também o jornal *O Dia*, em fevereiro do presente ano, após exposição do prefeito João Mendes Olímpio de Melo acerca do precário quadro econômico municipal, notificou aos teresinenses a ausência de recursos para iniciar obras públicas que tinham o propósito de revitalizar o tecido urbano da capital e alertou a desconsideração dos poderes federais a respeito do auxílio financeiro para as festividades diante do primeiro centenário da cidade. Assim informou o periódico:

A exposição feita pelo jovem administrador da comuna teresinense, às proximidades de uma festa tão significativa para todos os corações piauienses, deixa-nos compungidos ao notarmos o descaso dos altos poderes da República, não nos proporcionando um auxílio para que possamos, entre as alegrias do nosso povo exultante de contentamento, ver passar um século de lutas e de trabalho de uma geração honrada e progressista. (Apelo, 1952).

Mais uma vez em tom apelativo e declarando a necessidade de união dos habitantes de Teresina, o jornal convoca todos os piauienses, que se considerem dignos desse nome à luz da sua identidade patriota, a colaborar para a magnificência das celebrações de aniversário de cem anos da capital do Piauí, seja limpando as fachadas das casas, consertando as calçadas dos prédios ou higienizando as ruas, a fim de tornar a cidade “bela, admirada e imperecível” (Apelo, 1952). Sinais de uma cidade que buscava se modernizar, às vésperas do seu primeiro aniversário de cem anos, são vistos ainda em outras matérias no jornal *O Dia* ao longo do ano de 1952, ao tratar, a título de exemplo, de caracteres que dizem respeito ao entretenimento dos cidadãos, com destaque para o rádio e o teatro. Sobre o primeiro, em maio do presente ano, o supracitado jornal informa o início de uma coluna dedicada a incentivar o interesse pelo rádio, por meio de críticas e sugestões aos programas existentes⁵.

No plano das melhorias encaminhadas pela Prefeitura Municipal nos meses que antecederam a comemoração do centenário da capital piauiense, visando o embelezamento e o desenvolvimento do processo de urbanização da cidade e buscando favorecer um traçado citadino organizado e moderno, diversas obras foram realizadas, com realce para as regiões centrais de Teresina. Esse aspecto, segundo Santos (2014, p.34), incidia diretamente na disciplinarização dos costumes da população, pretendendo alcançar a tão sonhada civilidade dos espaços urbanos. Nesse sentido, as iniciativas frente à reforma física da cidade caminhavam, paralelamente, por uma dimensão física e cultural, pois preparar Teresina para a festa que se aproximava significava também dispor sobre uma conduta civilizada dos seus habitantes.

Com a proximidade da data comemorativa, a preocupação em torno da fisionomia da capital centenária, pontuada por meio da imprensa local, era constante e expressava urgência, tendo em vista a ansiosa espera da visita de figuras ilustres vindas de todo o país, como o

⁵ Somente poucos anos antes, em 1948, Teresina recebera sua primeira emissora de rádio: a Rádio Difusora de Teresina (RDT). Quando fundada e nos primeiros anos de existência, a emissora funcionava em condições precárias, estabelecendo uma programação que intercalava música, jornalismo e programas que exploravam temáticas populares, discutindo problemas da comunidade local. Somente em 1952, a RDT assumiu uma nova feição frente a sociedade piauiense, tornando-se parte do cotidiano da cidade e transformando-se em um importante espaço de sociabilidade, cultura e lazer (Lima, 2007).

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

Presidente da República – Getúlio Vargas –, para prestigiar as celebrações dos cem anos de fundação de Teresina (Moura, 2015, p.2). Nesse quadro, mostrava-se necessária a efetivação de ações conjuntas entre políticos, intelectuais, religiosos e populares na missão de tornar Teresina atraente, civilizada, moderna e bela aos olhos dos seus visitantes, “porque é preciso ter em vista que um acontecimento de tal magnitude atrairá sobre nós as vistas e as atenções do mundo oficial e do público brasileiro em geral. Seremos medidos e julgados através de um século de atividades (Estado do Piauí, 1951, p.19). Dessa maneira, em meio a essa conjuntura, a imprensa piauiense foi uma importante entusiasta das celebrações festivas, divulgando-as e conclamando a participação de todos, ao tempo em que expunha os contraditórios dilemas da vida real da cidade de Teresina.

25

“Aos homens de letras de dentro e fora do Estado”⁶: um convite à escrita da história do Piauí.

Nesse cenário, é percebida também uma inquietação com a dimensão histórica da cidade e com a construção de uma identidade que atuasse como fio condutor entre os seus habitantes e o seu território. Nesse viés, o poder público, por meio de iniciativas vinculadas à Prefeitura Municipal, se propôs a incentivar a escrita e publicação de obras que se dedicassem a narrar a história de Teresina – em formato de livros ou de artigos difundidos na imprensa piauiense –, produzindo uma memória do passado local, através do presente e de suas problemáticas, tensões e incômodos. Diante disso, buscando consolidar a data festiva como marco histórico e com o propósito de delinear os novos traços da capital centenária, evocava-se a escrita da história de Teresina, entrelaçada ao longo de um século, suscitando reflexões sobre o tempo e sobre a historicidade dos dilemas sentidos pela capital piauiense em suas faces social, econômica, política e cultural (Santos, 2014, p.42).

Sobre esse aspecto, é interessante lembrar as palavras do vereador Artur Passos, por ocasião de assembleia na Câmara Municipal de Teresina em fevereiro de 1951. Nesse momento, a data prevista para a comemoração do centenário da cidade era o dia 20 de outubro de 1951, por força da Lei Municipal nº 107 aprovada em 1949. Entretanto, como um entusiasta e estudioso da história local, Artur Passos assumiu posição contrária em relação ao dia estabelecido como marco para a fundação de Teresina, apresentando, para tanto, outro projeto

⁶ A expressão é encontrada no apelo feito pelo governador Pedro Freitas aos intelectuais do Piauí em 1952 na imprensa local (Estado do Piauí, 1951).

de lei que sugeria a alteração da data da referida festividade (Teresina, 1951). A crítica do vereador à data indicada para celebrar o aniversário de Teresina encontrava no seu interesse pessoal pela cultura e pela história do Piauí uma motivação que caminhava lado a lado com a triste constatação de que, até àquela altura, não havia trabalhos históricos que se dispusessem a esclarecer os acontecimentos que resultaram na transferência da capital de Oeiras para Teresina no século XIX (Santos, 2014, p.48). Assim, expondo suas justificativas ao projeto de lei que defendia, na opinião de Artur Passos, o símbolo festivo para o aniversário de Teresina deveria ser o dia 16 de agosto de 1852 – “data da instalação da cidade de Teresina” (Teresina, 1951).

Percebe-se, em meio a tanto, a preocupação de Artur Passos com a carência de uma narrativa histórica, fundamentada em pesquisas sobre a documentação existente, que fosse capaz de pontuar e analisar os principais passos percorridos pela cidade de Teresina ao longo dos cem anos vividos e, conseqüentemente, que pudesse legitimar o Centenário da capital piauiense como um dia festivo e histórico. Segundo Moura (2015, p.4), nos anos 1950, o Piauí dispunha de poucos trabalhos de caráter historiográfico, citando, como exemplo, as pesquisas de Miguel Borges, Pereira de Alencastre, Pereira da Costa e Abdias Neves⁷. Sob esses pressupostos, entre os meses de maio e agosto de 1952, o jornal *O Dia* publicou uma coluna intitulada “O centenário da cidade”, com artigos de autoria de Joel de Oliveira que se dispunham a contar a história da fundação da capital do Piauí, com destaque para o processo de transferência de Oeiras para Teresina. Nesse momento, também o periódico *Jornal do Comércio*, através do jornalista Celso Pinheiro Filho, torna público uma série de trinta artigos que dizem respeito à história de Teresina no seu primeiro século.

No universo literário, o poeta H. Dobal inscreve o *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina* (Teixeira, 1992) que, não obstante ser publicado somente em 1991 nas páginas do jornal *Folha da Manhã* e também sob a forma de livro, foi escrito no ano de 1952 como maneira de homenagear a cidade em decorrência das comemorações do seu centenário. Organizada em capítulos curtos que evidenciam o cotidiano de Teresina, a obra enfatiza as transformações experimentadas pelo tecido urbano local ao longo de cem anos, bem como problematiza o descaso público em relação às praças, mercados e prédios da cidade; a pobreza da maioria da sua população, representada através do Manelão, Peru, Maria Sapatão, Jaime Doido e do Braguinha; e os abusos das autoridades políticas e econômicas do Estado. Ademais, aborda o

⁷ Respectivamente: Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis, que ocuparam cargos de importância na província do Piauí, de 1879; Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí, de 1857; Cronologia histórica do estado do Piauí, de 1909; A guerra do Fidié, de 1907.

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

retrato provinciano que emoldurava a capital piauiense, percebido em particularidades que constituíam o cenário cultural da mesma, como suas praças centrais, cafés, bares, espaços de eventos culturais – como o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários –, e as sagradas missas e compras de domingo no Mercado Velho (Moura, 2015, p.10-11). Lançando um olhar melancólico sobre a intimidade da vida cotidiana de Teresina, o poeta projeta uma cidade pacata, pitoresca e com ares provincianos, mas que expressa em suas ações e discursos o desejo de tornar-se uma capital moderna e progressista, superando “os signos de um passado que insistia em permanecer” (Santos, 2014. p.34). Nas palavras do *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, assim o poeta descreve Teresina em 1952:

[...] É uma cidade, sem dúvida. Tem um comércio muito barulhento e uma indústria muito modesta... O carnaval é fraco. Também o futebol. A luz elétrica é boa, a água é melhor. O céu é imenso para os aviões e os urubus e nele um barbeiro da Rua Grande já viu o disco voador. A cidade completa cem anos... A vida é calma. (Teixeira, 1992).

Também no balanço das homenagens ao aniversário de Teresina, no quadro literário, por meio de nota divulgada no jornal *O Dia*, em junho de 1952, é anunciada a publicação de *Chapada do Corisco* (Ferry, 1952), obra escrita pelo poeta João Ferry com o apoio da Comissão do Centenário (*O Dia*, 1952). Nessa produção, o autor dirige sua atenção para uma Teresina que, durante a década de 1950, era ainda uma cidade provinciana, com poucos atrativos modernos e com uma população majoritariamente formada por mestiços e analfabetos. Em paralelo, com as marcas do apreço dirigido por Ferry à capital piauiense, “nas páginas de *Chapada do corisco* desfilam numa interminável profusão de cores, de paisagens e de ritmos, as imagens sucessivas de personagens vários, tipos exóticos, bizarros, e até de duendes e fantasmas que se movimentam, falam e predizem coisas e acontecimentos” (Leão, 1952).

Teresina chegava a completude de cem anos de existência e, à medida que a efeméride se aproximava, a Comissão responsável pelos festejos do Centenário propôs, em 1952, um concurso para a apresentação de pesquisas acerca da história do Piauí e de Teresina, aspirando produzir obras de referência para a construção da memória histórica do Estado e de sua capital. Conforme às normas instituídas pela Comissão, os trabalhos deveriam apresentar o formato de “crônicas, antiguidades históricas, feição típica dos primitivos habitantes e povoadores da província, de modo geral e, em particular, quanto às peripécias, tropeços e injunções opostos à idéia da mudança da capital” (Passos, 1954). O prêmio designado foi de Cr\$ 5 mil cruzeiros para o estudo que fosse considerado mais conivente com a referida proposta. Meses

antes, no início de 1951, o governador Pedro Freitas já conclamava a colaboração dos homens de letras, de dentro e fora do Estado, a fim de preencher as lacunas existentes em relação à história piauiense, dizendo:

Temos material à mão para excelente trabalho evocativo, sério, útil e instrutivo, repassado ele e embebido todo ele em metódica recomposição de atos e fatos de uma tese e história regional. Daí, pois, a imperiosa necessidade de apelo feito à base de prêmios compensadores, aos homens de letras de dentro e fora do Estado, no propósito de obter-se, quanto antes, trabalhos históricos, que julgados, possamos preencher satisfatoriamente essa sensível lacuna, abrilhantando de igual passo as festividades de agosto [de 1952]. (Estado do Piauí, 1951).

No contexto em questão, em 1952, Monsenhor Joaquim Chaves – então pároco da Igreja Matriz de Teresina e amante da história do Piauí – atendeu ao chamado público feito aos homens de letras e, mediante calorosa pesquisa no Arquivo Público do Estado, dedicou-se a escrever a história de Teresina. De forma específica, a história contada por Monsenhor Chaves assume relevância também por encontrar-se inserida na dimensão das celebrações religiosas em virtude do centenário da capital piauiense, tendo em vista constituir-se como um gesto de gratidão e retribuição ao auxílio concedido pela população teresinense nas reformas à Igreja do Amparo e, especialmente, na construção das torres que, hoje, ornaram a fachada do templo, que também estava sendo preparado para as festividades. Nesse cenário, o sacerdote, natural de Campo Maior (PI), relatou:

Em retribuição àquela generosidade do povo de Teresina, resolvi escrever um livro sobre a cidade e me dediquei à pesquisa no Arquivo. Publiquei *Teresina: subsídios para a história do Piauí*, o primeiro livro que lancei. Foi publicado pelo doutor João Mendes Olímpio de Melo, que era o prefeito. (Entrevista, 1997).

Em 1952, a Prefeitura de Teresina promoveu a publicação da pesquisa desenvolvida por Monsenhor Chaves, denominada *Teresina: subsídios para a história do Piauí* (Chaves, 1952). A obra contempla, sobretudo, a história das cinco primeiras décadas da nascente capital piauiense, ou seja, desde a sua fundação em 1852 até 1900. Nas linhas que seguem esse artigo, propomo-nos a pensar os principais traços que compõem a narrativa escrita por Monsenhor Chaves na presente produção.

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

Com “vistas de filho amante e agradecido”⁸: Teresina: subsídios para a história do Piauí

No retrato de Teresina escrito pelo sacerdote historiador, o povo piauiense é alçado ao papel de protagonista, de modo que seus medos, alegrias, tristezas e esperanças moldam as múltiplas faces da cidade. Em paralelo, também o cotidiano de Teresina assume primazia, ao tempo em que lavadeiras, pedreiros, carregadores d’água, mulheres, pobres, crianças, velhos, mendigos, escravos, indígenas, vaqueiros, soldados, e outros tantos sujeitos entram em cena em um espetáculo da vida real, com seus dramas, anseios, tensões e particularidades. Essa é uma história do encontro entre distintas categorias sociais e profissionais, do encontro entre diversas figuras humanas “na sua mais prosaica humanidade – na alegria, na dor, na esperança, na luta diuturna pela sobrevivência material” (Queiroz, 2015, p.111).

Monsenhor Chaves adota como fonte central da sua investigação os registros hemerográficos piauienses do século XIX e XX. Esses jornais, por não se restringirem ao cenário político, administrativo e elitista que envolvia a sociedade local, trazem informações referentes ao cotidiano da cidade, pontuando desde os acontecimentos mais triviais aos mais heróicos, evidenciando fatos que, por vezes, escapam à atenção da documentação oficial. Nessa dimensão, através das fontes hemerográficas, “a cidade se constitui, ela própria, desde que é a materialização do então fenômeno urbano, em personagem singular. Tudo o que nela ocorre se transforma em espetáculo digno de nota” (Queiroz, 2015, p.111).

Contudo, devido a sua limitada experiência na prática historiográfica – reconhecendo que essa é a primeira pesquisa histórica sistemática realizada pelo autor, que alcançou maior rigor científico em obras posteriores –, Monsenhor Chaves não faz devida alusão à documentação utilizada para a elaboração da obra citada, apesar da presença de fontes jornalísticas em diálogo com outros registros documentais, como correspondências e arquivos oficiais do governo. Além disso, o autor opta por não seguir uma ordem cronológica dos acontecimentos narrados, priorizando uma organização temática – ora abordando aspectos relativos à vida cultural, ora à vida política, ora à vida religiosa – por meio de capítulos curtos. Por não se deter a uma rigidez teórica, metodológica e temporal, a escrita de Padre Chaves é marcada por uma sensibilidade particular, tornando-se, em alguns momentos, até mesmo crítica e irreverente, de maneira que, ao analisar o cotidiano da cidade de Teresina, o sacerdote

⁸ Expressão utilizada por Teresinha Queiroz para caracterizar a perspectiva com a qual Monsenhor Chaves produz a obra aqui evidenciada (Queiroz, 2015, p.113).

demonstra sentir as dores e alegrias do seu povo (Moura, 2015, p.7).

Distanciando-se da história dos vencedores e aproximando-se da história dos vencidos, dos sujeitos comuns e pouco admirados, *Teresina*: subsídios para a história do Piauí sugere novas perspectivas para a compreensão da história de Teresina (Queiroz, 2015, p.111). Entretanto, esse aspecto da sua escrita não pode ser relacionado às influências metodológicas resultantes do processo de evolução do campo da pesquisa histórica, tendo em vista que, embora a historiografia brasileira no início da década de 1950 apresentasse discretas oscilações frente às possibilidades de analisar a história, os principais personagens eram ainda aqueles ligados sobremaneira ao universo político e econômico nacional. Nessa direção:

Ele [Monsenhor Chaves] teria inovado não por se apropriar do conhecimento teórico advindo da evolução da disciplina, mas em virtude de uma prática pessoal que lhe permitia olhar com argúcia para as coisas do povo, para o cotidiano denso de sofrimentos, para as dificuldades individuais e sociais. (Queiroz, 2015, p.114)

Dessa forma, a natureza do trabalho historiográfico de Padre Chaves, ao escutar a voz dos sujeitos comuns de Teresina, expressa um trajeto que parte do empírico ao teórico, considerando que, conforme já indicado, a escolha do autor pela adoção desses personagens como centrais no seu estudo não ocorre por questões de ordem formal e teórica, mas vincula-se a sua própria trajetória pessoal. Assim, a sensibilidade que move Monsenhor Chaves, ao voltar-se para o povo teresinense, é vista como resultado da sua formação teológica e da prática sacerdotal desenhada ao longo de décadas de cuidado diário para com os fiéis da cidade, por meio da qual o pároco se deparava com as tristezas e felicidades da sociedade teresinense.

A abordagem histórica de Padre Chaves sobre os primeiros cinquenta anos de Teresina se inicia com o processo de discussão acerca da transferência da capital do Piauí de Oeiras para uma outra localidade, ao considerar que “Oeiras, primeira capital do Piauí, apesar do ingente esforço de seus filhos, não conseguiu agradar a todos os governadores e presidentes que por ela passaram” (Chaves, 2013, p.23). Segundo Monsenhor Chaves, chegando ao Piauí em 1850, como presidente da província, José Antônio Saraiva, natural da Bahia, foi o responsável por efetivar o processo de mudança da capital para as margens do Parnaíba, próximo à região onde se localizava a Vila do Poti – chamada Chapada do Corisco e, logo depois, denominada Teresina. Em sequência, Monsenhor Chaves se detém sobre a explicação dos edifícios públicos erguidos nos primeiros dez anos da nova capital, afirmando que Teresina cresceu, em sua primeira década, de forma prematura e apressada. Logo foram construídos aparatos como a igreja do Amparo – considerado o marco zero da cidade –; instituições de ensino, como o Liceu

Hum Res, v. 7, n. 11, 2025, ISSN: 2675 - 3901 p. 18 – 34 , jan. a jul de 2025. DOI: citado na página inicial do texto.

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

e o Colégio de Educandos Artífices; prédios burocráticos como a Tesouraria e a Assembleia Provincial; dentre outros, como o Quartel do Corpo de Polícia, o Hospital de Caridade, o Teatro Santa Teresa, o cemitério, a cadeia, o mercado, além dos primeiros estabelecimentos comerciais, como a Drogaria Imperial e a Livraria Econômica.

Sob esse viés, o sacerdote historiador observa Teresina tornando-se uma cidade em sua dimensão espacial, pontuando e nomeando também as principais ruas que compunham o traçado urbano em ascensão, bem como o crescimento demográfico da nova capital durante suas primeiras décadas. O autor se debruça também sobre o cotidiano citadino, sinalizando as festas e comemorações de caráter religioso, cívico ou popular; os códigos de postura municipais que visava disciplinar a população e controlar o espaço urbano; a educação primária e secundária; os problemas relativos à saúde pública e ao saneamento básico; as primeiras manifestações teatrais, jornalísticas e literárias. Nesse quadro, são apresentados os primeiros passos da formação de Teresina, a partir de ângulos que enfocam a organização econômica, administrativa, política, cultural, social e religiosa da cidade.

Ademais, exemplo do olhar sensível de Padre Chaves para eventos, por vezes, considerados comuns, reside no tópico intitulado “Teresina pitoresca”, no qual o autor observa acontecimentos como a chegada da primeira máquina de fazer sorvete em 1866, vista como um objeto de luxo e, por isso, sendo motivo de euforia da população; o esporte de passeios a cavalo e a chegada dos carros puxados a cavalo, os botequins e a primeira cafeteria, os fenômenos celestes que assustavam e empolgavam os citadinos, os banquetes públicos e o sereno dos bailes. Monsenhor Chaves realça também o desenvolvimento da infraestrutura de serviços urbanos, como a comunicação, o abastecimento de água, a iluminação pública e o sistema de telefonia, além de centralizar sua atenção em episódios como a fundação da Companhia de Navegação do Rio Parnaíba e a chegada do primeiro barco a vapor, que resultou em um instante de festa, comemoração e entusiasmo da população, no qual “até os aleijados e doentes, carregados em redes por escravos, demandavam o rio, apressados, para verem de perto aquilo que mais lhes parecia um sonho” (Chaves, 2013, p.69).

O autor salienta ainda os impactos da seca que atingiu a província em 1877, evidenciando a luta do povo piauiense por sobrevivência, bem como as medidas públicas a fim de conter os prejuízos provocados pela calamidade. Lança seu olhar também sobre os escravos, que, numerosos, foram responsáveis por erguer os primeiros edifícios urbanos da nova capital do Piauí. Na tentativa de inserir Teresina no contexto nacional, Joaquim Chaves conclui sua

obra sublinhando a participação da capital piauiense em importantes acontecimentos políticos ocorridos em nível nacional, como a Questão Christie (1863), a Guerra do Paraguai (1865), o processo de libertação dos escravos, finalizada em 1888, a Proclamação da República (1889), a Revolução Federalista (1893) e a Guerra de Canudos (1897).

Em síntese, o pároco historiador aprecia, na “altura de cem anos, Teresina saindo do nada, por assim dizer, e crescendo vertiginosamente na Chapada do Corisco, lá por volta do ano de 1852” (Chaves, 2013, p.23), conquistando ao mato o terreno para costurar suas ruas, edifícios e habitações. Conforme os pontos aqui elencados, Monsenhor Chaves não constrói uma história do Estado, como fizeram muitos de seus antecessores, mas uma história da cidade e do povo piauiense, em seus dramas e conflitos mais secretos. Assim, embora dirija destaque para a ação de alguns políticos – como Saraiva –, em sua história, os heróis não são os grandes personagens, mas as pessoas comuns e anônimas que compunham Teresina em suas primeiras cinco décadas. Portanto, com “vistas de filho amante e agradecido –, em que pese assumir a posição de aprendiz no ofício de historiador, afirmando agir como um “franco atirador”, “sem experiência no campo da pesquisa histórica [e] sem a requerida alusão às fontes” (Entrevista, 1997) –, Monsenhor Chaves observa a cidade de Teresina “ora engalanada e festiva, ora nervosa e ensombrecida, ora trabalhadora, ora ociosa”, mas sempre circundada pela presença humana em sua mais íntima sensibilidade (Queiroz, 2015, p.113).

A narrativa histórica de Monsenhor Chaves sobre Teresina, portanto, caminha entre a compreensão de uma cidade visível, sensível e imaginada, como proposto por Sandra Jatthy Pesavento (2001). Assinala em sua narrativa uma Teresina real, desenhada, traçada e edificada em suas ruas, prédios e casas, na concretude que as constitui, nos muitos significados que chegam aos sentidos dos seus habitantes e nas ações rotineiras que modelam o seu cotidiano. Para além dessa, uma Teresina percebida nas sensibilidades que acompanham os episódios que constroem a sua história, por meio das emoções sentidas e expressadas pelos cidadãos. E, ainda, uma Teresina sonhada, esperada e desejada, projetada por meio do pensamento, que também insiste em se fazer presente, sendo, por vezes, mais real do que a própria cidade visível aos olhos dos passantes e moradores.

Considerações finais

**COM “VISTAS DE FILHO AMANTE E AGRADECIDO”:
MONSENHOR CHAVES E A ESCRITA HISTÓRICA DE TERESINA NA
COMEMORAÇÃO DO SEU CENTENÁRIO**

A escrita da história do Piauí e, especialmente, de sua capital, produzida por Monsenhor Chaves, foi publicada pela Prefeitura Municipal no contexto das comemorações em torno do centenário de Teresina, no ano de 1952. De forma mais específica, a publicação da referida obra encontra-se inserida nas tentativas dos poderes públicos locais em construir, nesse cenário, uma memória que consolidasse esse marco festivo como histórico e, além disso, fortalecer os vínculos afetivos e simbólicos dos habitantes com Teresina, em um momento em que a cidade procurava reafirmar sua identidade frente às transformações sociais, culturais e urbanas decorrentes da passagem do seu primeiro século. Dessa maneira, o tornar pública a história de Teresina contada por Monsenhor Chaves, as autoridades municipais a adotam e legitimam como uma memória basilar da cidade. As explicações para tanto, possivelmente, residem nas escolhas temáticas realizadas pelo autor, ao privilegiar uma cidade sensível, prosaica e humana. Essas escolhas, por sua vez, ligam-se ao lugar social de onde Padre Chaves escreve, como sacerdote em íntimo contato com o povo e como filho de Teresina – por amor e por lei, em virtude do título de cidadão teresinense recebido durante a administração do prefeito Jofre do Rego Castelo Branco, na década de 1960.

Isso posto, observa-se que *Teresina*: subsídios para a história do Piauí não apenas atende a um propósito de construção da memória histórica piauiense no contexto em torno do centenário de Teresina aqui descrito, mas revela também uma dimensão afetiva e identitária enraizada na experiência vivida do autor com a cidade. Nesse quadro, a história contada por Monsenhor Chaves, por meio da sensibilidade com a qual traduz uma nascente cidade em desenvolvimento, apontando suas origens e o seu percurso no tempo, é delineada através do presente e das suas problemáticas e interesses próprios, de maneira que “assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir das questões do seu presente” (Pesavento, 2007, p.17).

Referências

- A MENDICÂNCIA em Teresina. **Jornal O Dia**. Teresina, ano 1, n. 49, 6 jan.1952. APÊLO aos piauienses. **O Piauí**, Teresina, ano 11, n. 53, 3 fev. 1952.
- CENTENÁRIO de Teresina. **O Piauí**, Teresina, ano 62, n. 758, p. 4, 10 fev. 1952.
- CHAVES, Joaquim (Pe). **Teresina**: subsídios para a história do Piauí. Teresina: [s.n.], 1952.
- CHAVES, Monsenhor. **Obra completa**. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Hum Res, v. 7, n. 11, 2025, ISSN: 2675 - 3901 p. 18 – 34 , jan. a jul de 2025. DOI: citado na página inicial do texto.

Chaves, 2013.

ENTREVISTA Monsenhor Chaves. **Cadernos de Teresina**. Teresina, ano X, n.27, dezembro de 1997.

MENSAGEM APRESENTADA à Assembléia Legislativa pelo governador Pedro de Almendra Freitas em 1951. **Estado do Piauí**. Teresina, 1951.

FERRY, João. **Chapada do corisco**. Teresina: Imprensa Oficial, 1952.

FRANCO, José Patrício. Teresina, seus problemas e o seu crescimento. **O Dia**, Teresina, 11 fev. 1951.

JORNAL DO COMÉRCIO. Teresina, ano 6, n. 926, 20 jan. 1952.

LEÃO, Fabrício de Arêa. Em plena Chapada do Corisco. In: FERRY, João. **Chapada do Corisco**. Teresina: Imprensa Oficial, 1952.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZIQ-3: Sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. 1 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. A Produção Escriturística do Centenário de Teresina (PI). **XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis**, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. As Múltiplas Portas da Cidade no Centenário de Teresina. In. **Cartografias sentimentais e narrativas historiográficas sobre Teresina e Oeiras**. Teresina: EdUESPI, 2021.

O DIA. Teresina, ano 2, n. 75, p. 3, 6 jun. 1952.

PASSOS, Artur. **História, economia e lendas: município de Jerumenha**. Teresina: CEP, 1954. QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Obra completa de Monsenhor Chaves. In. QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Teresina: EDUFPI, 2015.

SANTOS, Maurício Feitosa dos. **Comemoração, pobreza e cultura letrada no centenário de Teresina** (1952). 240f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.

SANTOS, Maurício Feitosa dos. Seca, migrações e pobreza no centenário de Teresina: Narrativas e crítica social sob o olhar da imprensa. **Tempos Históricos**, v. 21, n. 1, p. 154-183, 2017.

TEIXEIRA, Hindemburgo Dobal. **Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992.

TERESINA. Câmara Municipal. **Ata da 12 sessão ordinária de 23 de fevereiro de 1951**.

Livro 03, p.138-140.

TERESINA precisa de você. **Jornal do Piauí**, Teresina, ano 1, n. 34, 10 fev. 1952.

TITO FILHO, A. **Crônicas**. Teresina: Gráfica Júnior, 1990.